

XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO
Araraquara-SP - Brasil

MODO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL E LIMITES ECOSISTÊMICOS

Aécio Alves de Oliveira (UFC) - aecioeco@ufc.br

Professor de Economia; Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará

Eufrasina Campelo Borges Mendonça Barbosa (UFC) - eufrasinabarbosa@hotmail.com

Economista e Profissional de Comércio Exterior; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Logística e Pesquisa Operacional – GESLOG/UFC

Modo de Produção do Capital e Limites Ecológicos

Resumo

A substituição do trabalho humano por máquinas marca uma inflexão nas relações sociais e na interação entre sociedade e Natureza. Se dissermos que desenvolvimento científico-técnico é uma revolução, também teremos que reconhecer que acarreta problemas ambientais locais e à escala global. Em geral, avanços tecnológicos introduzidos na estrutura produtiva tendem a gerar incompatibilidades entre crescimento econômico e a finitude do Planeta. Ao mesmo tempo, o crescimento exponencial estimula as pessoas a consumirem mais, independentemente de suas vontades. As incompatibilidades geradas somente serão mitigadas com a adoção das leis inerentes aos ecossistemas. Nesses termos, a tese do decrescimento ganha importância como crítica ao modo de produção do *capital* e às forças produtivas que lhes dão suporte.

Resumo Estendido

Como sabemos, na sociedade capitalista a economia é orientada para a expansão contínua do PIB. Para tanto, os administradores dessa lógica fazem uso de estratégias que incluem a mecanização dos processos, a diversificação da produção, o encurtamento da vida útil das mercadorias, a publicidade onipresente, dentre outras.

Em virtude do dogma do crescimento ilimitado, o ritmo das inovações de produtos ultrapassa aquele das inovações do processo produtivo, configurando uma espécie de criação destrutiva porque tudo é produzido para quebrar. Para a sociedade, essa lógica expansionista exige que seus membros a ela se adaptem, cada um restringindo-se à condição de comprador de mercadorias.

A expansão cria mecanismos que, de certa maneira, realimentam o crescimento posterior. Para o mainstream, o crescimento é visto como necessário à estabilidade econômica. Contudo, do ponto de vista ecológico, torna-se gradativamente insustentável. Tem-se, portanto, um paradoxo entre acumulação de capital e as limitações ecossistêmicas.

Por ser uma lógica cuja dinâmica é unidirecional, o sistema gera contradições que se reproduzem e se aprofundam levando-o à expansão e a possibilidade de colapsos. Daí porque podemos falar de ruptura sociometabólica entre sociedade e Natureza e do comprometimento das condições de reprodução dos biomas e, por conseguinte, do sistema econômico. A recomposição de novas condições – de uma nova ordem gestada na desordem, diga-se – que favoreçam à espécie humana, vai se tornando notadamente problemática. A lógica econômica do sistema apresenta-se como dilapidadora pelos desastres ambientais que acarreta. Sem importar a quantidade, mas, sobretudo, a qualidade, a desordem que se desencadeia repercute-se na perda de biodiversidade e redução dos serviços ambientais.

A tese do decrescimento terá que ganhar importância para afirmar a possibilidade de “prosperidade sem crescimento” e negar o crescimento ilimitado como condição para a prosperidade. Nesse sentido, combinar o PIB com a Pegada Ecológica-PE pode ser um critério para avaliar a necessidade de decrescimento econômico de uma população, região

ou país.¹ Visto que há o reconhecimento de que o crescimento a qualquer custo é uma irracionalidade e sendo a PE uma medida do “caminhar” da população sobre os recursos bioprodutivos disponíveis no Planeta, quanto maiores forem seus valores, mais premente a necessidade de decrescimento. O produto combinado de valores do PIB e da PE forneceria um indicador para ranquear os países ou regiões para os quais o decrescimento se faria necessário. Na outra ponta, países ou regiões com valores menores teriam de crescer para proporcionar condições básicas de vida a suas populações. Certamente, um crescimento seletivo orientado por necessidades reais dos indivíduos e da Natureza.

A combinação desses indicadores expressaria a busca de uma interação inteligente entre Homem e Natureza. A expectativa é que com esse critério possamos identificar onde a agressividade de processos econômicos provoca falhas metabólicas mais acentuadas. Por isso, é crucial desenvolver um modo de produção que minimize a entropia para assim garantir o funcionamento satisfatório dos ecossistemas – maximizando a biodiversidade e os serviços ambientais – com a livre renovação de seus ciclos. Do ponto de vista social, haveria a necessidade do desenvolvimento pleno das individualidades, com os indivíduos humanos dedicando-se a outras atividades superiores, como estudo das ciências, história ambiental, prática de esportes, educação artística, relações interpessoais diversas e contemplação da Natureza.

Assim, a prosperidade da sociedade não seria medida pela quantidade de mercadorias adquiridas por seus membros, mas sim pelo convívio, coesão social e elevada consciência ecológica. As condições para tal estão expressas de maneira singela por Marx nos Manuscritos (MARX, 2003, p. 171):

Vamos supor que o homem é homem e que sua relação com o mundo é humana. Então o amor só poderá permutar-se com o amor, a confiança com a confiança etc. se alguém deseja saborear a arte, terá de tornar-se uma pessoa artisticamente educada; se alguém pretende influenciar os outros homens, deve-se tornar um homem que tenha um efeito verdadeiramente estimulante e encorajador sobre os outros homens. Cada uma de suas relações ao homem – e à natureza – tem de ser uma expressão definida, correspondendo ao objeto da vontade, da sua vida individual real. Se alguém amar, sem por sua vez despertar amor, isto é, se o seu amor enquanto amor não suscitar amor

¹ Sabemos que o PIB é uma medida incompleta da atividade econômica por não levar em conta os impactos causados ao ambiente. A PE é uma medida desses impactos por expressar o quanto de recursos bioprodutivos foram consumidos por um país ou região. Como o PIB é um padrão adotado por todos os países, com o qual se mede o tamanho da riqueza, contraditoriamente pode ser utilizado para estabelecer um critério para o decrescimento, combinando-o à PE.

recíproco, se alguém através da manifestação vital enquanto homem que ama não se transforma em pessoa amada, é porque o seu amor é impotente e uma infelicidade.

É preciso desconstruir esse colossal sociometabolismo que engendra as amarras de uma servidão que levam a humanidade a coisificar as relações sociais e a desestruturar a vida em sociedade. Esta insidiosa dominação precisa ser profundamente criticada em todas as suas dimensões e manifestações para ser superada, como necessidade vital. O capital é a esfinge que anestesia e ameaça a permanência da espécie humana na Terra. Temos que decifrá-lo para evitar que nos devore.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____ Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ A vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. eBookLibris, Projeto Periferia. 2003. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>; Acesso em: 16 nov. 2013.

DOWBOR, L. A Reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada. Petrópolis: Vozes, 1998.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Tradução Ruth M. São Paulo: Klauss Centauro, 2009.

FOSTER, J. B.; CLARK, B.; YORK, R. The Ecological Rift – Capitalism's war on the Earth. Monthly Review Press, New York, 2010.

GEORGESCU-ROEGEN, N. The Economic Process and the Entropy Law. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1971.

GOUVERNEUR, J. Les Fondements de L'Économie Capitaliste - Introduction à l'analyse marxiste économique du capitalisme contemporain. 2^{ème} édition refondue et augmentée, L'Harmattan-Paris et Contradictions-Bruxelles, 1995, cap. VII.

HANSEN, G. L. A sociedade de consumo e o paradoxo da proteção ambiental. In: FLORES, N. C. (Org.). A sustentabilidade ambiental em suas múltiplas faces. São Paulo: Millennium, 2012, p. 78-94.

JACKSON, T. Prosperidade sem Crescimento: Vida Boa em um Planeta Finito. São Paulo: Abril e Planeta Sustentável, 2013.

KURZ, R. Com todo vapor ao colapso. Juiz de Fora-MG: Pazulin LTDA e UFJF, 2004.

LATOUCHE, S. Pequeno tratado do decrescimento sereno. São Paulo: WMF, 2009.

LEONARD, A. A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos. Tradução: Heloisa Mourão – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. Collected Works: Marx and Engels 1880-1883, 1993. Disponível em: <<http://bookmoving.com/book/karl-marx-frederick-engels-collected-works-marx-engels-46995.html>>. Acesso em: 11 set. 2013.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política, Livro 1. O Processo de Produção do Capital, v. 2. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. – 24ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W. W. Limites do crescimento. São Paulo: Perspectiva AS, 1973.

MÉSZÁROS, I. Produção destrutiva e o estado capitalista. São Paulo: Ensaio, 1989.

MUELLER, C. C. Os economistas e as relações entre o sistema econômico e o meio ambiente. Brasília: UnB, 2007.

OLIVEIRA, A. A. de. O processo de qualificação-desqualificante da força-de-trabalho: elementos de uma transição para além do capital, *in* M. Neyára O. Araújo e Lea C. Rodrigues. Transformações no mundo do trabalho: realidade e utopias. Série Percursos 6, Fortaleza: UFC, 2005.

OLIVEIRA, A. A. de; MOREIRA, C. A. L.; MARQUES, M. S. Crise estrutural do sistema do capital, dominação sem sujeito e financeirização da economia. *In* Antônia de Abreu Sousa *et al.* Trabalho Capital Mundial e Formação dos Trabalhadores. Fortaleza-CE: UFC, 2008, p. 201-222.

PACKARD, V. Estratégia do desperdício. São Paulo: Ibrasa, 1965.

PENTEADO, H. Ecoeconomia: Uma nova abordagem. 2º ed. São Paulo: Lazuli, 2008.

PRIGOGINE, I. O fim das certezas – Tempo, caos e leis da Natureza. UNESP, 2011.

SENNETT, R. A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita, 14^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SLADE, G. Made to break: technology and obsolescence in America [Feito para quebrar: tecnologia e obsolescência nos Estados Unidos]. Harvard University Press, 2006.